

História resistente da Kuarup é tema de livro

PÁGINA 2



Cannes destina prêmio honorário a Robert De Niro

PÁGINA 3



Ator brasileiro é destaque em produção Disney+

PÁGINA 6



2º CADERNO

Corpos maduros EM CENA

Espectáculo retorna ao Rio com trio de intérpretes de 62 anos e propõe reflexão sobre tempo, corpo e etarismo na dança



Esther Weitzman, Paulo Marques e Toni Rodrigues em cena no espetáculo 'Breve'

Depois de circular por festivais e teatros em diferentes regiões do país, o espetáculo "Breve", da Esther Weitzman Companhia de Dança, retorna ao Rio de Janeiro para sua última mini temporada na cidade. As apresentações acontecem entre sexta e domingo (9 a 11) no Espaço Cultural Sérgio Porto.

No palco, três artistas-criadores com 62 anos de idade — Esther Weitzman, Paulo Marques e Toni Rodrigues — compartilham suas experiências, inquietações e afetos por meio da dança. A proposta da montagem é refletir sobre o tempo, o corpo e a presença

cênica em sua potência plena, atravessando questões como etarismo e representatividade na dança contemporânea. Com uma composição que entrelaça movimento, palavra, silêncio e sonoridade, "Breve" aposta na vulnerabilidade como matéria dramaturgica, criando um campo sensível e delicado de expressão.

Desde a estreia em 2023, no Sesc Copacabana, o espetáculo foi apresentado no Teatro Cacilda Becker, na Bienal Internacional de Dança do Ceará, no Festival Internacional de Dança de Itacaré e no Dança em Trânsito, em Belém, entre outras cidades. Em todas as temporadas, teve excelente recepção de público, com sessões esgotadas.

Criadora e intérprete da montagem, Esther Weitzman observa que o trabalho desperta especial interesse em espectadores mais velhos, embora dialogue com diferentes gerações. "Também tem despertado um interesse nas pessoas em ver corpos mais velhos em cena, fora do padrão da dança", afirma. "Em 2025, a Companhia completa 26 anos de estrada e, para celebrar essa data, estamos buscando levar o espetáculo a um público ainda maior."

Fundada em 1999, a Esther Weitzman Companhia de Dança construiu uma trajetória marcada pela união entre criação artística e atividade didática. Com sede no Studio Casa de Pedra, no Rio de Janeiro, o grupo

mantém ações contínuas de pesquisa, formação e difusão, integrando o circuito da dança contemporânea na cidade. Os espetáculos da companhia se destacam por uma linguagem coreográfica própria, onde o vigor do movimento se equilibra com o silêncio e a pausa, compondo uma dramaturgia que parte do corpo em sua totalidade.

SERVIÇO

BREVE

Espaço Cultural Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163 – Humaitá)
De 9 a 11/5, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h) | Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A força de um selo resistente

Livro narra a história da Kuarup, produtora independente que há quase 50 anos preserva a música brasileira e desafia as crises do mercado cultural

Por **Affonso Nunes**

Fundada em 1977 por Mário de Aratanha, a Kuarup nasceu com o propósito de dar espaço à música brasileira em sua diversidade mais profunda — da erudição de Villa-Lobos à tradição oral da cantoria sertaneja. Seu precioso catálogo, hoje com centenas de títulos, documenta parte essencial da cultura musical do país. Estão ali discos emblemáticos como “Cantoria 1” e “Cantoria 2”, gravados por Elomar, Xangai, Geraldo Azevedo e Vital Farias; “Ao Vivo em Tatuí”, de Renato Teixeira com Pena Branca & Xavanticinho; “Dois Irmãos”, de Paulo Moura e Raphael Rabello; e “Live At The Rio Jazz Club”, de Baden Powell. A gravadora também detém o maior conjunto de obras de Heitor Villa-Lobos disponível no Brasil.

Lançado pela própria Kuarup, o livro “Tocando em Frente: A História da Produtora Kuarup ou Como Sobreviver na Economia Criativa no Brasil” narra, com riqueza de detalhes e vozes complementares, o percurso de uma das mais longevas e influentes produtoras culturais do país. Assinado por Mário de Aratanha, Adriana Del Ré e Alcides Ferreira, o volume cobre quase cinco décadas de resistência criativa em meio a mudanças tecnológicas, crises econômicas e transformações profundas na indústria fonográfica brasileira.

Mais do que um registro de memória institucional, a obra funciona como um do-



Leonardo Rodrigues/Divulgação

Alcides Ferreira, Adriana Del Ré e Mário De Aratanha: autores do livro que narra a saga do selo Kuarup, criado em 1977

cumento histórico sobre os bastidores da cultura brasileira fora dos grandes eixos comerciais. O texto apresenta uma linha do tempo que passa por momentos críticos da economia do país, mudanças no consumo de música e nos formatos de distribuição, sempre filtrados pela perspectiva de quem atuou de forma independente, com foco na qualidade artística e no compromisso com o registro da diversidade musical.

A narrativa da obra é dividida em dois blocos principais. A primeira parte, escrita em primeira pessoa por Aratanha, mergulha nos bastidores da fundação da gravadora e nos desafios de operar uma produtora independente em pleno regime militar, em meio à ditadura e à censura. O autor relembra os primeiros anos da Kuarup, os artistas que se tornaram parceiros e os caminhos técnicos e criativos para gravar e distribuir música em um tempo analógico, marcado por dificuldades logísticas e orçamentárias.

ta e executivo Alcides Ferreira. Com larga experiência nos mercados financeiro e de comunicação, Ferreira assumiu a direção da produtora e levou sua sede para São Paulo, redesenhando o modelo de negócios e ampliando o campo de atuação da marca. Foi nessa etapa que a gravadora passou a investir também em literatura e em projetos audiovisuais, consolidando sua presença em múltiplas plataformas culturais.

Essa fase é documentada com a colaboração da jornalista Adriana Del Ré, que entrevistou nomes essenciais para a continuidade da Kuarup, incluindo técnicos, produtores, músicos e gestores que testemunharam momentos decisivos da trajetória da empresa. Os depoimentos compõem um mosaico revelador sobre as estratégias de sobrevivência da cultura independente em meio à concentração de mercado e à crise do CD, que impactou gravadoras em todo o mundo.

“O livro tem o papel de contar uma história que poderia ter se perdido. A Kuarup é a principal produtora independente do Brasil e a mais longeva, com quase meio século de vida. É essencial que as pessoas conheçam sua história e como conseguimos sobreviver a tantas crises no Brasil ao longo desse período”, afirma Ferreira.

Os autores trazem olhares distintos que se complementam. Aratanha, com sua experiência como jornalista e produtor musical, oferece uma visão de bastidor que contextualiza o mercado fonográfico das décadas de 1970 e 1980, além de apresentar um panorama sobre a relação entre arte e resistência cultural no Brasil. Del Ré, com sólida trajetória na cobertura de música, oferece recortes jornalísticos e análises consistentes sobre os diferentes momentos vividos pela Kuarup. Já Ferreira acrescenta uma visão estratégica e empresarial, mostrando como é possível manter um projeto cultural independente financeiramente sustentável no cenário brasileiro.

Ao longo de suas páginas, “Tocando em Frente” também ilumina a trajetória de artistas que encontraram na Kuarup um espaço de liberdade e acolhimento. Ney Matogrosso, Fagner, Wagner Tiso, Rolando Boldrin, Arthur Moreira Lima, Paulo Moura, Raphael Rabello, Pena Branca & Xavanticinho, Geraldo Azevedo, Taiguara, Hermeto Pascoal e Elomar são alguns dos nomes que integram a discografia da gravadora.

Em tempos de pulverização do conteúdo e da cultura do efêmero, o lançamento de um livro como esse é um gesto raro. Ao contar a história de uma produtora que desafiou a lógica do mercado e se manteve viva pelo compromisso com a arte.



Divulgação

A segunda parte acompanha a fase mais recente da Kuarup, iniciada em 2009, quando o catálogo foi adquirido pelo jornalis-



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Muita controvérsia cercou a passagem de Robert De Niro pelo posto de presidente do júri de Cannes, em 2011, quando “Melancolia”, de Lars von Trier, foi preterido em prol de “A Árvore da Vida”, de Terrence Malick, na disputa por uma Palma de Ouro muito refutada, mas que não fez o festival francês perder sua reverência ao ator americano de 81 anos. Tanto que, na próxima terça, ele estará lá na Croisette de novo, para receber uma Palma Honorária pelo conjunto de sua carreira, antes da projeção do longa-metragem de abertura do evento: “Partir un Jour”, da estreante Amélie Bonnin. O Brasil é o país homenageado e concorre na competição oficial (com “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho) e na Semana da Crítica (com “Samba Infinito”, de Leonardo Martinelli), além de participar da seção Un Certain Regard com a coprodução lusa “O Riso e a Faca”, de Pedro Pinho.

De Niro teve títulos projetados lá muitas vezes, entre eles “Taxi Driver”, laureado com o prêmio máximo da maratona cinéfila da Côte d’Azur em 1976. Uma de suas passagens mais discutidas pelo balneário aconteceu em 1984, na projeção de um dos longas mais tocantes de sua carreira, que ganha novos holofotes, agora, no streaming: o épico “Era Uma Vez Na América” (“Once Upon a Time In America”). O Telecine acaba de incluir essa produção de US\$ 30 milhões, encarada como sendo a obra-prima do cineasta romano Sergio Leone (1929-1989), em sua grade online. Há como vê-la via Prime Video, na Amazon.

Na Croisette, quatro décadas



Robert De Niro em cena de ‘Era Uma Vez na América’, a visão de Sergio Leone sobre o universo da máfia

Era uma vez... De Niro

Escalado para receber a Palma de Ouro Honorária do Festival de Cannes, o astro de ‘Taxi Driver’ ajuda o cult de Sergio Leone sobre máfia a ganhar novos holofotes, desta vez nas plataformas digitais

atrás, sua projeção foi encerrada com uma ovação de 20 minutos de aplausos.

Ambientado em três épocas distintas – 1918, 1930 e 1968 – de Nova York, o filme é baseado no romance “The Hoods”, de Harry Grey (1901-1980). Sua adaptação é embalada na trilha sonora de Ennio Morricone (1928-2020), indicada ao Globo de Ouro, em 1985. Suas composições ainda renderam ao longa o Bafta, o Oscar inglês, ajudando-o a ganhar status de obra-prima, fazendo de Leone uma escola, reconhecida como bússola de in-

venção por áses da linguagem cinematográfica do presente, como Quentin Tarantino.

Filmado entre o Brooklyn, a Flórida e os estúdios da Cinecittà, em Roma, com algumas cenas rodadas em Montreal, “Era Uma Vez Na América” começou a ser idealizado por Leone após o sucesso mundial de “Era Uma Vez No Oeste” (1968), com Claudia Cardinale, Henry Fonda e Charles Bronson. Chegou aos cinemas num momento de apogeu de seu protagonista, De Niro, que havia conquistado o Oscar em 1981, pelo cult “Touro Indomável”.

Apesar de todo o carisma dele, a duração GG do filme, pouco usual na década de 1980, assustou as plateias, limitando sua bilheteria a cerca de US\$ 5 milhões. Mesmo assim, o prestígio do longa, já à época, era alta, maior do que qualquer outro trabalho de Leone, que era esnobado pelos críticos por sua aposta em faroestes comerciais.

Na releitura de Leone e sua horda de roteiristas (Leonardo Benvenuti, Piero De Bernardi, Enrico Medioli, Franco Arcalli, Franco Ferrini, Stuart Kaminsky e Ernesto Gastaldi) para a prosa de

Harry Grey, a vida de judeus dos EUA nos anos 1910, 20, 30 e 60 é cartografada a partir das sequelas de exclusão que os cercam. Em 1968, David “Noodles” Aaronson (De Niro) retorna à Nova York, onde teve uma carreira como gangster, 30 anos atrás. A maioria dos seus amigos já morreu, mas ele sente que seu passado não se resolveu. A partir de uma série de flashbacks, a narrativa acompanha Noodles desde sua infância, como um garoto pobre de Nova York, até sua ascensão como contrabandista, chegando, depois, a virar chefe da Máfia, sempre tendo como principal parceiro – e futuro rival – Max, papel dado a James Woods.

Embora tenha dirigido muito pouco em seus 60 anos de vida, Leone havia desempenhado múltiplas funções na área cinematográfica antes de pilotar um set com sua autoridade de realizador autoral, tendo sido assistente de direção, roteirista, produtor... Marcou época com seu estilo proustiano, de buscar passados perdidos, esbanjando adrenalina nas cenas de ação.

Cannes este ano vai de 13 a 24 de maio, com Juliette Binoche na presidência do júri.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Lusitânia à vista: Portugal volta a aportar em nossas telas. Indicado ao Leopardo de Ouro de Locarno, de onde saiu com a láurea do Júri Jovem e o prêmio Europa Cinemas Label, “Nação Valente” traz o cinema português de volta ao circuito exibidor nacional a partir desta quinta-feira, em meio à busca da terrinha para se manter ativo, em fricção, nos maiores festivais do planeta. No dia 15, entra em nossas telas um outro candidato luso ao posto de cult, “Não Sou Nada”, de Edgar Pêra. A partir da semana que vem, nossos patrícios se articulam conosco no 78º Festival de Cannes, disputando o Prix Un Certain Regard com “O Riso e a Faca”, dirigido pelo lisboeta Pedro Pinho e produzido pela Bubbles Project, de Tatiana Leite (Brasil). A sessão na Croisette será no dia 17 de maio. A expressão que batiza o longa-metragem evoca uma canção composta e interpretada pelo baiano Tom Zé.

Em Lisboa e arredores, o cinema português está nem representado por uma leva de títulos de ficção (“Camarada Cunhal”) e documentário (“As Fado Bicha”), com destaque para “O Palácio de Cidadãos”, de Rui Pires. Nele, o cineasta registra o trabalho dos deputados no Parlamento, atento aos debates e votações numa reflexão sobre a importância da participação cívica e do poder popular.

Título de maior relevo de Portugal no planisfério cinéfilo de 2024, “Grand Tour”, que rendeu a Miguel Gomes a láurea de Melhor Direção em Cannes, acaba de chegar entre nós, só que via streaming (MUBI). Sua trama se passa em Mianmar (outrora Birmânia), país do sudeste asiático. O período histórico em que Miguel finca bandeira é 1918, logo após o fim da I Guerra Mundial, ainda com fantasmas coloniais pela Ásia. Ambienta sua jornada em Rangun (ou Yangon), que, àquela época, era uma cidade sob colonização britânica. Um de seus personagens centrais, o funcionário público Edward (Gonçalo Waddington), vai parar lá após abandonar sua



Terratreme

‘Lusitânia - Nação Valente’, de Carlos Conceição, disputou o Leopardo de Ouro de Locarno e estreia agora no Brasil

Portuguesa, e autoral, com certeza

Uma nau de produções lusas atraca em nossas telas e singra os mares de Cannes exorcizando ranços coloniais e discutindo tabus da pátria de Camões



Divulgação

‘O Riso e a Faca’ é uma coprodução Brasil / Portugal na mostra alternativa ‘Un Certain Regard’ de Cannes



Divulgação

Fernando Pessoa e seus heterônimos alimentam as pesquisas visuais de ‘Não Sou Nada’, de Edgar Pêra

noiva, Molly (Crista Alfaiate) no dia em que iriam se casar. Tomado pela melancolia, ele foge das bodas num local distante do Velho Mundo, cercado de outros paradigmas culturais. Determinada a casar, Molly segue o rastro do noivo. Mergulha num mundo que não é o seu, de códigos

avessos aos seus.

Ranços das colonizações alimentam “Nação Valente”, que aproxima o diretor Carlos Conceição do público brasileiro. Trata-se de uma mistura agonizante de relato histórico e alegoria, no qual fantasmas do colonialismo assombram persona-

gens característicos da pátria outrora navegadora. O premiado longa do diretor de “Serpentário” (2019) é um ensaio poético sobre as cicatrizes do expansionismo do Velho Mundo em terras africanas. Um expansionismo violento. Conceição se alimenta da fina fotografia de Vasco

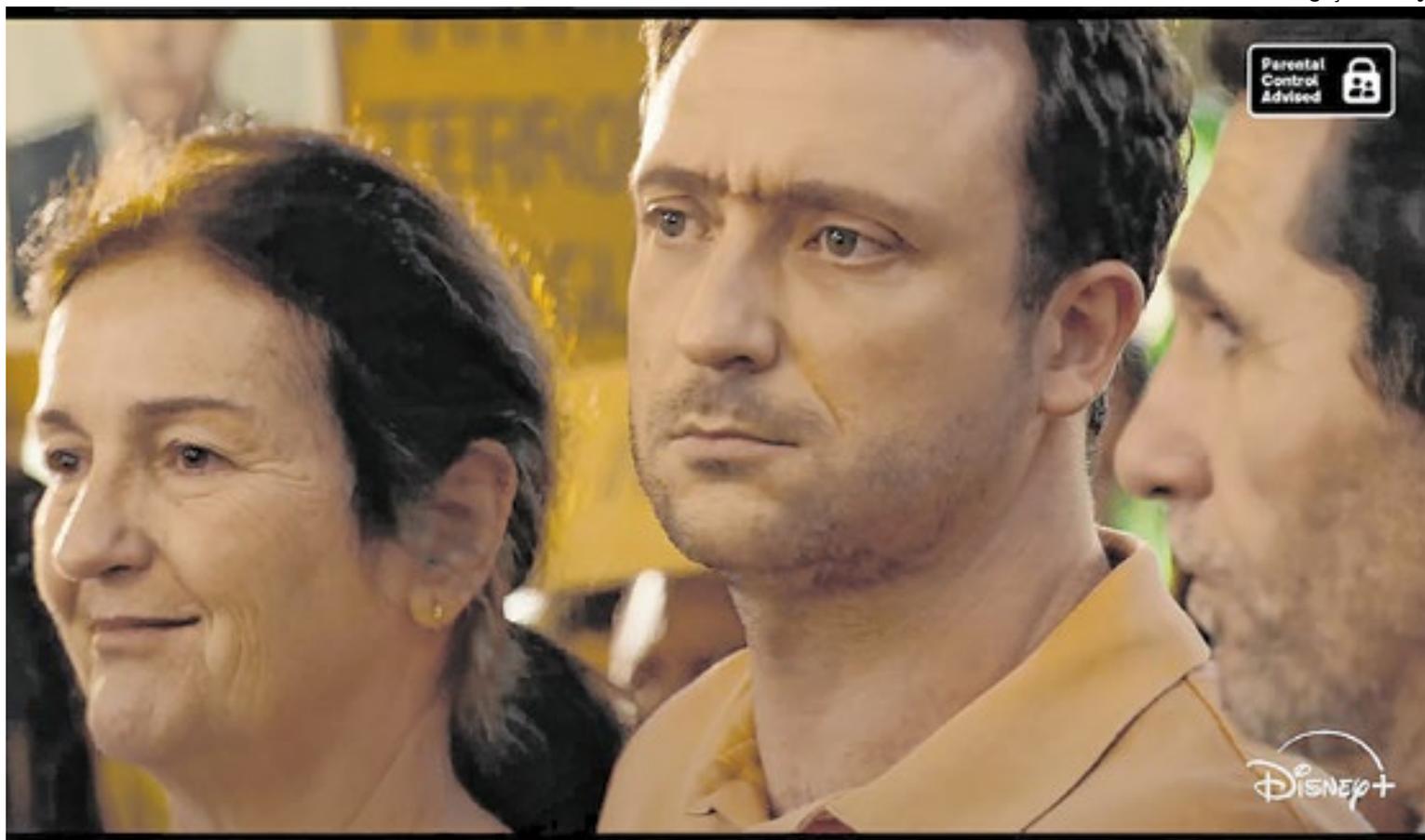
Viana para criar uma tapeçaria de pequenas histórias ligadas ao ano de 1974 em Angola. Cada núcleo dramático é como uma trincheira num combate por soberanias e liberdades.

A alegórica presença de uma tropa de jovens entrincheirados diante de um muro é o ápice da narrativa, que ainda fala de um amor mediado pela brutalidade da dominação imposta pelos europeus a angolanos que lutam por sua voz autônoma.

A caminho dos multiplexes, “Não Sou Nada” traz a assinatura autoral de Edgar Pêra em sua realização. Há uma fotografia estonteante neste thriller psicológico que decorre dentro da cabeça de Fernando Pessoa, e fez sua estreia no Festival de Roterdã. No seu Clube do Nada, habitado por heterônimos, o poeta consegue concretizar todos os seus sonhos. Mas a entrada em cena de uma mulher sofisticada, muito diferente da Ofélia do mundo real, começa a desestabilizar o clube, enquanto o ultrajante heterônimo vanguardista Álvaro de Campos disputa a autoridade de Pessoa de forma violenta. A produção é de Rodrigo Areias, diretor de cults como “Hálito Azul”.

Em janeiro, no Festival de Roterdã, os portugueses singraram mares holandeses com “Pai Nosso – Os Últimos Dias De Salazar”, de José Filipe Costa. Num exercício de sutileza, o diretor do crocante “Prazer, Camaradas!” (2019) narra o calvário do líder político António de Oliveira Salazar (1889-1970), com Jorge Mota no papel do estadista. Existe sátira no engenho dramático do roteiro escrito pelo cineasta com Leticia Simões e Daniel Tavares, numa reconstituição dos delírios salazaristas na reta final de sua vida, já distante do Poder.

Em fevereiro, durante a Berlimale, a pátria de Camões agarrou-se aos holofotes com “Duas Vezes João Liberada”, de Paula Tomás Marques. A partir das vivências de um corpo avesso ao binarismo histórico, inconformado com o dito “determinismo biológico”, este experimento poético festeja o desejo de pessoas que almejam ser as profetas de suas próprias histórias, embora a Inquisição cruze seu caminho.



Divulgação Disney+

Rodrigo Ternevoy em cena da série 'Suspect: The Shooting os Jean Charles de Menezes'

Do ABC para o mundo

Brasileiro Rodrigo Ternevoy atua em série veiculada pela Disney+ e se firma no audiovisual europeu

Após uma sólida trajetória na TV irlandesa, o ator brasileiro Rodrigo Ternevoy está no elenco da série britânica "Suspect: The Shooting of Jean Charles de Menezes", produção da Disney+ baseada na morte do eletricitista brasileiro morto pela polícia de Londres em 2005. A minissérie de quatro episódios marca um novo momento na carreira do artista de 41 anos, que vive há quase duas décadas na Europa.

Rodrigo interpreta Giovanni, irmão de Jean Charles, figura central no apoio à família du-

rante a tragédia. "Ele assumiu a responsabilidade de representar os pais, já idosos, e manteve a comunidade brasileira informada sobre o andamento do caso. O mais desafiador foi retratar sua dor sem apagar sua força", comenta o ator. Ele conta que sentiu uma forte conexão com o personagem ainda no teste para o papel. "Achei que conhecia bem o caso, mas o roteiro do Jeff Pope me revelou muitos detalhes desconhecidos. A leitura me tocou profundamente."

A produção busca lançar uma nova luz sobre os acontecimentos que culminaram na morte de

“Essa é uma história britânica com coração brasileiro. Espero que ofereça algum alento à família dele (Jean Charles)”

Rodrigo Ternevoy

Jean Charles, confundido com um terrorista pelas autoridades britânicas. "Essa é uma história britânica com coração brasileiro. Espero que ofereça algum alento à família dele e também ao Brasil, que acompanhou tudo com comoção", diz Rodrigo.

Além da série, Ternevoy também estará nos cinemas brasileiros ainda em 2025 com o longa "O Velho Fusca", filmado no Rio de Janeiro. Na trama dirigida ao público jovem e familiar, ele interpreta Tio Beto, personagem que ajuda a costurar uma reconciliação entre gerações. "Durante o processo de restauração de um fusca antigo, o protagonista Junior se aproxima do avô, vivido por Tônico Pereira, e de toda a família. O Tio Beto tem um papel essencial nessa jornada", revela o ator.

No filme, Beto é um homem gay casado com Cacá (Leandro D'Lucca), que lida com as consequências de uma rixa familiar marcada por homofobia. "É um personagem moderno, afetuoso e generoso, que representa muitos brasileiros da comunidade LGBTQIA+. Interpretá-lo foi uma oportunidade de dar voz a histó-

rias reais, com afeto e verdade", diz Ternevoy, casado com David, seu companheiro desde que se conheceram na Irlanda há quase 17 anos.

Nascido em São Caetano do Sul, no ABC Paulista, Rodrigo decidiu morar fora em 2008. À época, trabalhava em um banco e mal falava inglês. Fez intercâmbio em Dublin, na Irlanda, para estudar o idioma, e acabou se apaixonando pelo país — e por David. Resolveu mudar de vida e se formou como ator na Bow Street Academy, uma das principais escolas de teatro do país. Pouco depois, foi escalado para a novela "Fair City", no ar desde 1989 na TV irlandesa.

Rodrigo integrou o elenco fixo da produção entre 2016 e 2022, com cerca de 400 episódios gravados. Seu personagem, Cristiano San Martin, um chileno que se muda para a Irlanda e se torna comerciante numa vila fictícia, ganhou destaque pela leveza cômica e pelo drama pessoal. "Era um personagem apaixonado, que acreditava no amor, mas acabou se envolvendo com a pessoa errada. Quase perdeu a vida por isso", lembra o ator.

Com o desejo de explorar novos mercados, Rodrigo deixou a novela em 2022 e se mudou para a Inglaterra. Desde então, tem acumulado novos trabalhos no audiovisual europeu. Fez participação em "O Pedido Irlandês", longa da Netflix estrelado por Lindsay Lohan, e gravou o curta-metragem "His House, Home", sobre um paciente com esclerose múltipla que lida com a chegada de um novo cuidador. A estreia será em julho, no Festival de Cinema de Galway, na Irlanda.

Outro trabalho em fase de lançamento é a série "The 12 Dates of Christmas", da plataforma americana Hallmark, com estreia prevista para o Natal. Com esse ritmo de produção e visibilidade crescente, Rodrigo Ternevoy se consolida como um nome promissor entre os talentos brasileiros que conquistam espaço fora do país, sem deixar de lado as raízes e o compromisso com temas relevantes.

Contra o silêncio e o abandono

Monólogo autobiográfico 'A Filha da Virgem' retorna ao Rio e dá voz às dores e conquistas de uma mulher nordestina marcada por abusos, preconceitos e superação

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

A questão da mãe solo e crianças criadas com pais naturais ausentes é maior do que se imagina no Brasil. Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, entre 2012 e 2022, o número de lares chefiados por mães solteiras aumentou em 17,8%, passando de 9,6 milhões para 11,3 milhões. Isso representa um acréscimo de 1,7 milhão de domicílios nesse contexto ao longo de uma década, segundo dados levantados pelo IBGE.

O espetáculo "A Filha da Virgem" é um poderoso monólogo autobiográfico escrito e interpretado por Wanderlucy Bezerra, atriz pernambucana radicada no Rio desde 2008. A peça mergulha nas memórias da artista, revelando uma trajetória marcada por abandono, abusos, preconceitos e superação, numa narrativa que mistura dor, lirismo e força.

Atriz, autora e performer, Wanderlucy tem se destacado no cenário cultural brasileiro por sua expressividade visceral e pelo uso da arte como ferramenta de denúncia e transformação. Ela construiu uma carreira sólida através de projetos autorais que mergulham em vivências pessoais e coletivas marcadas por desigualdades, preconceito e resistência. Sua peça mais conhecida, "A Filha da Virgem", é um monólogo autobiográfico onde revisita temas delicados como abandono, abuso infantil, machismo e xenofobia com profunda sensibilidade e coragem.

Através de sua atuação, Wanderlucy dá voz a histórias silenciadas, especialmente de mulheres nordestinas e periféricas. Combinando teatro, dança e música popular nor-

destina, sua arte é marcada por uma estética potente e um discurso político claro. Ela não apenas representa personagens, mas denuncia estruturas sociais injustas, convidando o público à reflexão e empatia. Wanderlucy Bezerra tornou-se, assim, uma referência de artista comprometida com a verdade, a identidade e a libertação por meio da cena.

A artista decidiu tocar as cicatrizes dessas feridas em sua mais recente incursão teatral. A dramaturgia traz relatos que misturam-se a gêneros musicais tradicionais do Nordeste. O solo autobiográfico, dirigido por Sandra Calaça e Leo Carnevale com supervisão de Luiz Carlos Vasconcelos, volta ao Rio de Janeiro para novas apresentações. O espetáculo aporta na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema, para curta temporada, de 7 a 29 de maio, no Espaço Rogério Cardoso.

Uma mulher comum com uma trajetória inerente a leis e regras de comportamento comuns a muitas mulheres. Em cena, a atriz elenca as etapas da sua criação e formação que precisou vencer. São temas como o da descoberta da adoção, o bullying sofrido no colégio (por aqueles que, inclusive, deveriam protegê-la) e os diferentes tipos de assédio a que foi submetida (atos libidinosos, inclusive) tendo de impor-se às manifestações machistas (reproduzidas também pelas mulheres), aos dogmas religiosos ("Mulher tem de casar virgem") e à culpa pela morte da mãe, impugnada a ela pelo pai, em razão de ter mudado de cidade.

Wanderlucy tinha 21 anos quando se transferiu para o Rio. Veio disposta a abraçar a carreira de atriz, acalentada desde a tenra infância. Sim, a peça também trata de perseverança, coragem e resiliência. É comovente ver e ouvir o relato sobre seu primeiro trabalho



Wanderlucy Bezerra dá voz à sua história no monólogo 'A Filha da Virgem', com dramaturgia assinada pela própria atriz

no cinema. O filme em questão era "Central do Brasil", de Walter Salles, no qual a estreadora contracenou de cara com uma de nossas maiores atrizes: Fernanda Montenegro.

Essa mulher não se protege sob a capa da autocomiseração e elenca também as agruras enfrentadas na vida artística, quando um papel pode estar por um triz mesmo depois da prova de figurino, entre outros percalços. Há também conquistas de outras naturezas, como a vez em que, munida das economias angariadas como professora, conheceu seis países da Europa. Wanderlucy Bezerra é interiorana e cosmopolita; tradicional e iconoclasta. Uma mulher comum, como já dito, e também incomum por sua força e determinação. Trata-se de uma mulher nordestina

e genuinamente brasileira. E dura na queda, portanto.

Com classificação duração de aproximadamente 1 hora, "A Filha da Virgem" é uma obra que emociona e provoca, convidando o público a olhar com mais empatia para as histórias de tantas mulheres brasileiras que, como Wanderlucy, transformam suas cicatrizes em força e poesia.

SERVIÇO

A FILHA DA VIRGEM

Casa de Cultura Laura Alvim Espaço Rogério Cardoso (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema)
De 7 a 29/5, às quartas e quintas (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Espectáculo 'Pai & Filho', da Pequena Companhia de Teatro, expõe conflitos geracionais e estruturas de poder a partir da obra de Franz Kafka

Após abrir sua ocupação no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro com o espetáculo "Velhos Caem do Céu como Canivetes", a Pequena Companhia de Teatro, do Maranhão, retorna ao Teatro III com "Pai & Filho", que será apresentado de 8 a 19 de maio. Livremente inspirado na obra "Carta ao Pai", de Franz Kafka (1883-1924), o espetáculo integra a programação que celebra os 20 anos do grupo.

Escrito em 1919, "Carta ao Pai" é um extenso e contundente documento íntimo no qual Kafka, já adulto, dirige-se ao pai, Hermann, expondo os efeitos devastadores que a figura paterna autoritária teve sobre sua formação. A carta jamais foi entregue em vida, mas revela com crueza sentimentos de culpa, inferioridade e medo, além de lançar luz sobre os mecanismos de poder que operam nas relações familiares.

Esse material serve como ponto de partida para a peça da Pequena Companhia, que transforma o desabafo pessoal do autor em embate cênico de intensa fisicalidade. Com dramaturgia e direção de Marcelo Flecha, a montagem traz Jorge Choairy e Cláudio Marconcine como Filho e Pai, respectivamente.

Em cena, os dois se enfrentam em um embate intenso que



Os atores Cláudio Marconcine (esq) e Jorge Choairy em cena de 'Pai & Filho'

O peso do nome do pai

expõe a estrutura de poder dentro da família e seus reflexos na sociedade. Um homem, aprisionado pela autoridade paterna, tenta confrontá-la, mas seu discurso é bloqueado por uma hierarquia inabalável. A peça utiliza uma linguagem crua e visceral para discutir temas como opressão, silêncio, culpa e dependência afetiva como instrumento de dominação, abrindo espaço para a reflexão sobre o conflito de gerações.

Estreado em 2010 no Teatro Arthur Azevedo, em São Luís,

"Pai & Filho" já passou por 62 cidades de 22 estados, somando mais de 150 apresentações. Foi contemplado com dois Prêmios Funarte de Teatro Myriam Muniz e venceu o Prêmio Sated-MA em diversas categorias, incluindo Melhor Espectáculo, Direção, Ator e Figurino. Também integrou circuitos importantes como Palco Giratório Sesc, Programa Petrobras Distribuidora de Cultura e Viagem Teatral Sesi.

A encenação adota a metodologia própria da companhia,

o "Quadro de Antagônicos", que se baseia na oposição física como motor da ação cênica. O resultado é um teatro de forte presença corporal, no qual gesto, silêncio e respiração têm peso dramático equivalente ao da palavra.

A ocupação da Pequena Companhia no CCBB-RJ contempla quatro montagens baseadas em obras literárias, além de uma mostra artística, debates e uma oficina de iluminação sustentável. Depois de "Pai & Filho", a programação segue com "Ensaio sobre a memória", de 22

de maio a 2 de junho, inspirado em Jorge Luis Borges. Em seguida, "Desassossego", de 5 a 9 de junho, encerra o ciclo com uma criação a partir da obra de Fernando Pessoa.

SERVIÇO PAI & FILHO

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro – Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro)

De 8 a 19/5, de quinta a segunda (às 19h)

Entrada franca

Caio Cezar/Divulgação

Com dramaturgia e atuação de Lucas Popeta, o espetáculo apresenta a jornada de um jovem periférico que decide mergulhar no mundo das artes cênicas e que se depara com a dura realidade da falta de consciência social e racial

Quem contou a sua história?

Espectáculo 'Quebrando Paradigmas' confronta o apagamento da memória negra e resgata vozes silenciadas no teatro brasileiro numa homenagem ao pioneirismo do TEN, o Teatro Experimental do Negro

A ausência de referências negras no ensino da história do Brasil é o ponto de partida de "Quebrando Paradigmas", novo espetáculo da Confraria do Impossível, que estreia nesta quinta-feira (8) no Teatro Correios Léa Garcia.

Ao unir teatro, música e poesia, a peça propõe uma reflexão sobre identidade, pertencimento e memória ancestral a partir da trajetória de um jovem negro de 23 anos que cresceu ao lado de uma comunidade periférica. O personagem é interpretado por Lucas Popeta, que também assina o texto e é responsá-

vel pela idealização do projeto.

A montagem marca os 15 anos da Confraria do Impossível, grupo carioca que se dedica a criar, preservar e promover narrativas negras no teatro brasileiro. Com direção de Gizelly de Paula, "Quebrando Paradigmas" é também uma homenagem aos 80 anos do Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias Nascimento em 1944, referência fundamental na luta antirracista e na valorização de artistas negros no país.

A proposta do espetáculo é simples e poderosa: revisitar a história do Brasil a partir do olhar de quem foi sistematicamente apa-

gado dela. No palco, a jornada do protagonista se transforma em metáfora para um processo coletivo de reconhecimento e reconstrução de identidade. "Esse é um país construído por pessoas que a gente desconhece. Sendo assim, ao trazer narrativas em que negras e negros são protagonistas, nós estamos criando novos pensamentos", afirma Popeta.

Ao longo da peça, o personagem se depara com figuras e acontecimentos fundamentais que ficaram à margem dos livros escolares e da memória oficial. São nomes, vozes e corpos que moldaram a cultura brasileira, mas cujas histórias

foram silenciadas por séculos de racismo estrutural. "Ainda que silenciadas no passado, essas vozes deixaram suas marcas, e é por isso que estamos em cena hoje. Evocar essas vozes nos permite caminhar mais livres, pois a ancestralidade nos aponta o caminho adiante. Nunca é para o agora; é sempre para o futuro", destaca Gizelly de Paula.

A diretora define "Quebrando Paradigmas" como um espetáculo que convida o público a ampliar suas perspectivas sobre si e sobre o mundo. "A peça é sobre expansão. Quando desconstruímos, questionamos e ampliamos nossos horizontes, abrimos espaço para novas

formas de ver e viver. E é justamente nesse gesto que reside a quebra de paradigmas que propomos", explica.

Com um texto poético e político, o espetáculo evita didatismos e investe na emoção para gerar reflexão. A encenação privilegia a escuta e o corpo, criando uma atmosfera íntima e potente em que o público é chamado a partilhar da experiência do protagonista. A trilha sonora original e os elementos visuais dialogam com o tema da ancestralidade, evocando tanto a resistência quanto a beleza da cultura negra.

A linha do tempo proposta pelo espetáculo é também uma resposta simbólica a séculos de apagamento histórico. "A peça traz à tona uma linha do tempo que foi esvaziada, mas que agora começa a ser preenchida. É uma forma de ocupar espaços, não só físicos, mas também simbólicos, com nossa presença e nossas histórias", diz Lucas Popeta. Para ele, a criação artística tem o poder de transformar não apenas o indivíduo, mas toda uma comunidade. "Quando a gente se reconhece na história, a gente se fortalece. E quando nos fortalecemos, conseguimos transformar o nosso entorno."

Ao completar 15 anos de trajetória, a Confraria do Impossível reafirma seu compromisso com o teatro como ferramenta de consciência e resistência. O grupo surgiu com o propósito de ampliar o protagonismo negro nos palcos e vem construindo uma linguagem própria, que mistura arte, política e espiritualidade. "Celebrar esses 15 anos com um espetáculo como este, que se conecta com o passado e aponta para o futuro, é muito simbólico. É uma forma de reafirmar que estamos aqui, seguimos criando e seguimos ocupando", conclui Popeta.

SERVIÇO

QUEBRANDO PARADIGMAS
Teatro Correios Léa Garcia
(Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro)
De 8 a 31/5, de quinta a sábado (19h)
Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)